

Caminhos de Exu

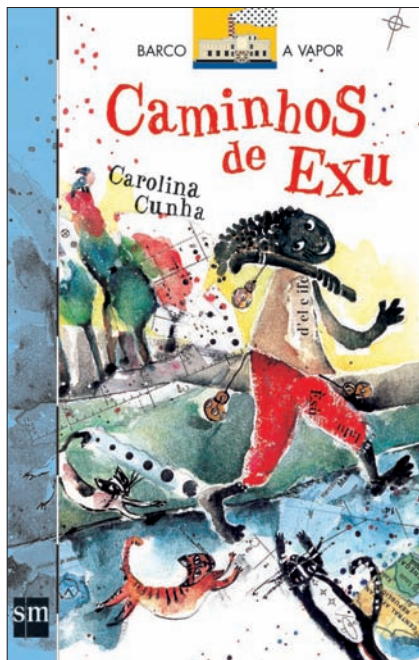
Carolina Cunha



Ilustrações da autora

Temas Cultura iorubá; Cultura afro-brasileira,
Valores universais (responsabilidade e reciprocidade)

GUIA DE LEITURA PARA O PROFESSOR



Série Azul nº 10
80 páginas



O LIVRO *Caminhos de Exu* apresenta dois *itans* (lendas iorubás) do orixá Exu. O primeiro, “Um dia escravo, outro dia adivinho”, conta como Exu aprendeu com Oxum a adivinhar a vida dos humanos por meio do jogo de búzios. O segundo, “O negócio dos galos”, narra uma disputa, motivada por Exu, entre três mulheres, com o objetivo de descobrir qual a mais astuta, a que tem jogo de cintura, talento para os negócios, enfim. A contribuição do povo iorubá para a formação da nossa cultura brasileira foi definitiva. Com os navios negreiros, a bordo dos quais vieram, às pencas, os iorubás trouxeram muitos tesouros que hoje nos ornamentam e singularizam. Entretanto, essa é uma contribuição pouco valorizada na prática de ensino na maioria das escolas. Trata-se de uma cultura milenar transmitida oralmente, um dos motivos que dificultam sua entrada no ambiente escolar, fortemente baseado na palavra escrita. Este livro estimula a importante difusão da cultura iorubá entre os alunos e os convida para uma reflexão sobre a história brasileira e suas principais origens.

A AUTORA E ILUSTRADORA Carolina Cunha guarda na infância as primeiras memórias das lendas iorubás. Ricas de simbolismo e mistério, essas lendas povoam sua imaginação e orientam seu trabalho, no traço da ilustração e na palavra escrita. Em 2002, Carolina lançou o primeiro livro, *Aguemon*. *Caminhos de Exu* é outro belo registro que revela importantes fundamentos da tradição oral iorubá.



2008996274934

Mergulhando na temática

MITO E MITOLOGIA

A mitologia (sistema de mitos que se relacionam entre si) tem ou teve papel central na vida de vários povos. Ela funciona ao mesmo tempo como religião e como lei. De um lado, ensina às pessoas determinada ordenação do mundo, respondendo às questões fundamentais que se colocam em todas as culturas: de onde vem o mundo? Por que as coisas são como são? De outro, é uma espécie de código de conduta, indicando a maneira como as pessoas devem agir no mundo – naquele mundo que ela própria descreve.

Os mitos são construídos como parábolas, metáforas de situações mais gerais, e servem de exemplos a serem seguidos. Assim também são os *itans* da mitologia iorubá. A interpretação do *dilogun* e do jogo de Ifá relaciona a caída das peças (búzios, opelê — colar de favas ou sementes — e outras) aos mitos de seus heróis ou deuses.

ESCRavidÃO

A cultura e os mitos africanos foram introduzidos no Brasil pelos escravos a partir do século XVI. A figura do escravo, aquele que está sujeito a trabalhos forçados, aparece na história de Laroîê e era comum na África daquela época. Os escravos trazidos para a América eram freqüentemente prisioneiros de guerra de tribos rivais, depois vendidos aos colonizadores.

O modelo de escravidão implantado pelos colonizadores, entretanto, era mais perverso. Além de ter sido

INTERPRETANDO O TEXTO

GUARDANDO CAMINHOS

Além das lendas propriamente ditas, *Caminhos de Exu* apresenta informações complementares que ajudam a situar o leitor no universo do **povo iorubá**, de sua cultura e **mitologia**.

Logo no início, um breve texto de apresentação dá idéia da fantástica especulação que gira em torno do nascimento ou surgimento, digamos assim, de Exu, e não só explica o título do livro, como sugere a personalidade paradoxal, excêntrica desse orixá nas duas histórias deste livro. É uma narrativa sobre a chegada de Inhangui à terra, na forma de um meteorito que se parte em 256 pedaços, cada um deles um Exu, ou uma das faces de Exu. Aí é possível entender porque o personagem principal aparece com nomes diferentes ao longo do livro como na saudação, Odara (p. 1); na epígrafe, Bará (p. 9); na primeira história, Laroîê e na segunda, Akessan.

A epígrafe alude à principal definição de Exu: guardião dos caminhos, aquele que vive nas encruzilhadas da vida, mensageiro dos deuses e do ser humano. Bará está à porta de diferentes orixás ao mesmo tempo e é consultado pelas pessoas que chegam, e responde “pode entrar”. O diálogo não apenas abre as portas às histórias que se seguem como ao maravilhoso universo da cultura iorubá.

A primeira frase de “Um dia escravo, outro dia adivinho” diz: “Contam que Laroîê era o guardador dos caminhos na terra dos orixás” (p. 12). Não é por acaso que a história começa assim. A expressão remete ao fato de se estar lidando com uma cultura transmitida oralmente de uma pessoa para outras, de uma geração para outra. De certa maneira, a frase citada recria a situação em que esses mitos costumam ser contados: uma pessoa narra a história, enquanto outras, em volta dela, escutam. Assim, o leitor é colocado na condição de ouvinte. O narrador, por sua vez, não participa dos fatos narrados, apenas retransmite o que lhe foi contado em uma ocasião anterior.

A tradição oral está presente de maneira indireta ao longo de toda a obra. As histórias são narradas com uma linguagem poética, em versos livres (sem rima ou métrica). Além disso, o texto é repleto de expressões com a marca da linguagem oral, como

*Os **destaques** remetem ao item *Mergulhando na temática*.

responsável pelo surgimento, na própria África, do comerciante de escravos, incluía a hereditariedade da escravidão: os filhos e filhas das escravas também eram considerados escravos. Esse foi um dos fatores que contribuíram para prolongar por tanto tempo a prática da escravidão no Brasil – o último país latino-americano a proibi-la.

SINCRETISMO RELIGIOSO

Os escravos que chegaram ao Brasil e a outras colônias provinham de diferentes regiões do continente africano: Angola, Congo, Moçambique, Togo, Nigéria, Dahomé (atual Benin), Costa do Marfim, Costa do Ouro etc. Pertencentes a diferentes etnias, eles eram colocados nos navios e trazidos para cá, perdendo assim, a referência precisa da nação de origem e da posição social de cada um deles – sabe-se, por exemplo, que entre os escravizados havia reis, rainhas, princesas, pessoas de linhagem nobre como descendentes diretos do Alafin (governador) de Oió, que prestavam culto ao orixá Xangô. Por conta dessa mistura de povos e culturas, os ritos e cultos africanos, tão distintos em sua terra natal, sofreram influência uns dos outros após a chegada ao Brasil.

Além disso, a Igreja Católica influenciou, aqui, nas religiões africanas, chamando a atenção especialmente para a dicotomia do bem e do mal, ou de Deus e do diabo, que está na base do catolicismo. Foi por influência da Igreja que Exu passou a ser malvisto no Brasil. Apesar dessa percepção estar se

quando o narrador diz: “E ela se agradou? Foi muito” (p. 20). Esta é uma expressão que aparece com muito mais frequência na fala do que na escrita, afastando-se da chamada “norma culta” da língua. Esse recurso é bastante utilizado em textos literários para se obter inovações formais. É um meio de materializar o narrador e reconstituir o ambiente original desse tipo de narrativa.

Ela conta que Laroîê “acabava ficando por dentro da vida de todo mundo” (p. 12), com exceção da vida de Oxum. Para se aproximar, Laroîê encomenda uma pulseira de ouro a seu irmão Ogum – orixá que domina os metais — e oferece a ela de presente. Nesta visita, Exu diz a Oxum que quer aprender a adivinhar o destino dos homens. Em troca do aprendizado, Oxum propõe que, por um ano, ele a sirva como **escravo**. Dessa circunstância, podemos extrair uma lição: “O acesso ao conhecimento tem um custo, nada se aprende sem esforço”.

Se até este ponto da história Laroîê era o mais astuto pela maneira como conseguiu se aproximar de Oxum para conseguir o que queria, a partir daí a situação se inverte. Como escravo, ele passa por maus bocados, pois Oxum “aproveitou e começou a pedir a Laroîê os mais variados favores...” (p. 24). Faz até com que ele a acompanhe ao mercado vestindo as roupas, as jóias e a coroa da deusa, humilhando-o na frente de vários conhecidos.

Ao final do período combinado, Laroîê cobra de Oxum que cumpra sua parte no trato e lhe ensine a adivinhar. Ela se finge de desentendida, mas diante da insistência de Laroîê, acaba ensinando um tipo de jogo de adivinhação que se faz com dezesseis búzios, chamado de *dilogun*. Exu fica contrariado, pois aquele não era o jogo que ele viu o rei fazer: “O rei consultava o oráculo jogando búzios, moedas, um colar comprido com sementes e outros penduricalhos, ao que ia fazendo risquinhos numa táboa de madeira entalhada”(p.17).

E quem pode ser esse rei? Só pode ser Ifá, o primeiro babalaô que existiu (babalaô quer dizer adivinho). Desapontado, Laroîê recolhe os búzios e, aqui, revela seu lado mais parecido com os humanos ao prometer perseguir as filhas de Oxum. Ele segue para o mercado e faz os primeiros jogos com os dezesseis búzios. As coisas que Laroîê vê no *dilogun* dizem respeito a fatos do dia-a-dia na vida dos dois homens que o interrogam. Não é como o jogo de Ifá, o jogo do destino, aquele que “fala sobre as grandes questões do ser humano” (p. 46). Foi desse modo que Laroîê ganhou dinheiro e seu jogo se tornou popular entre os iorubás.

revertendo, a imagem de Exu ainda é bastante associada à do diabo, devido a sua astúcia e ao seu caráter muitas vezes violento, vingativo, grosseiro e indecente – o que é acentuado pelo imenso órgão sexual freqüente em suas representações e explorado pelos inúmeros candomblés de caboclo e casas de umbanda, com seus ritos improvisados e abasileirados, completamente diferentes daquilo que se vê nos candomblés de pura tradição iorubá, ou jeje-nagôs, como aqui são conhecidos.

IORUBÁ

Os iorubás são um grupo étnico estabelecido na parte ocidental do continente africano, ao sul do Saara. Hoje, representam a mais numerosa etnia da Nigéria e também se encontram em outros países africanos, como o Benin. A cultura e a história desse povo remontam há mais de 2 mil anos. Sua chegada ao continente americano ocorreu principalmente a partir da segunda metade do século XIX, com o tráfico de escravos.

Exu anda pelo mundo. Se tem dinheiro, bom; se não tem, também. É do tipo que se satisfaz com qualquer agrado, dorme ao relento, não tem frescura. O que Oxum lhe deu foi uma riqueza em forma de saber, de conhecimento. Com o tempo, a prática do jogo de búzios rende a ele um sustento regular, perpétuo. E nunca mais Exu passou qualquer necessidade.

A história termina assim: “Mas ninguém pense que foi de encobrir malfeito que Laroîê ganhou a vida. Ao que indica, o ser humano é sempre o maior responsável pelos atos que pratica” (p. 45). O que isso quer dizer? Que os humanos podem fazer o que quiserem e depois, se pagarem, Exu irá esconder o erro, enganar o destino? Não. “Um dia escravo, outro dia adivinho” ensina duas lições: se você quer alguma coisa, não vai consegui-la sem esforço; se faz algo, tem de arcar com as conseqüências.

ORGANIZANDO A VIDA

A segunda narrativa, “O negócio dos galos”, se passa no mercado da cidade de Oiô, onde Exu é Akessan. A história conta que três mulheres, Oiá, Oxum e Iemanjá, estão inconformadas, pois não têm o que vender: “Que sucedia? Desordem da vida, vai ver” (p. 53). Como Akessan é quem toma conta das atividades no mercado – “garante abundância, fartura, sucesso nos negócios” (p. 75) —, resolve dar um jeito na situação e entrega às três mulheres dez galos, dizendo que podem ficar com o dinheiro arrecadado. Elas desconfiam, sabem que Exu também “é capaz de provocar as maiores confusões, pois não é assim, danado?” (p. 75). Contudo, desesperadas, aceitam a oferta. E vendem nove dos dez galos, mas não há quem queira comprar o último – obra de Exu, certamente. Elas então desistem de vender o galo restante; não sabem o que fazer com ele. Iemanjá sugere levá-lo para



casa e fazer um guisado. Oiá não aceita, diz que, se engordar o galo, pode vendê-lo mais caro outro dia, porém não quer dividir o dinheiro da venda com as outras. A briga “entornou de vez” (p. 67) e Oxum não tem nem a chance de dar sua opinião.

Akessan retorna e diz. “Pensei que dava boa ajuda quando ofereci os galos a vocês para vender!” (p. 68). Oxum, então, se posiciona e resolve o problema: dá o galo restante a Akessan, como forma de agradecer a oportunidade que ele deu a elas.

Akessan só aparece no início e no final da narrativa. Mesmo assim, ainda é o personagem principal. É ele quem cria as condições para que se estabeleça o conflito em torno do qual gira toda a história: quem deve ficar com o galo restante? Portanto, é o único que poderia ficar com o galo, já que nenhuma das três tinha o direito de ganhar mais que as outras, e não faria sentido dar a ave a outra pessoa. Mas a lição que se tira desse *itan* é que Exu deve sempre receber parte daquilo que se ganha no mercado, pois é ele quem abre as portas para o sucesso e os lucros! Aí estão implícitos sentimentos de reconhecimento, de reciprocidade, de retribuição, exaltados pelo povo iorubá através de oferendas de galos a Exu. “Para evitar que apronte, convém agradá-lo com oferendas” (p. 75). Até hoje é assim: em terras africanas, brasileiras, cubanas, americanas, onde quer que estejam os descendentes desse povo.

O fato de a narrativa se passar no mercado é muito importante. O texto que sucede a história diz que no mercado está “um tanto mais de cada coisa essencial à vida das pessoas comuns” (p. 74). Na cultura iorubá, como em muitas outras, o mercado é um lugar principal, onde circulam a arte, a religião, a política, o dinheiro e onde o comércio se faz. É um ponto de encontro, um centro para onde todas as coisas convergem: música, dança, teatro, poesia e, é claro, contação de histórias também.

AS ILUSTRAÇÕES

Cabe ainda destacar a força das imagens que aproximam os leitores do texto. As aquarelas conferem um clima diáfano às cenas e figuras que ilustram praticamente todas as páginas deste livro. Cores vibrantes, fragmentos de orikis, de cantigas (na língua original e em português) e de mapas, exuberância de vestimentas e enfeites introduzem os leitores no mundo mágico dos orixás. A plasticidade das diferentes representações de Exu sempre sugere movimento, afasta qualquer traço “demoníaco” e contribui decisivamente para configurar a infinita capacidade de transmutação de Exu diante das demandas da vida.



CONVERSANDO COM OS ALUNOS

ANTES DA LEITURA

Sugere-se uma conversa com os alunos sobre seus conhecimentos prévios acerca dos assuntos envolvidos direta ou indiretamente no livro. Qual é a idéia que têm da África? Sabem onde fica? Religião também é um tema a ser discutido. Pode-se questionar que religiões eles conhecem, praticam e o que sabem sobre cada uma delas. Caso haja praticantes de diferentes religiões na sala, é importante discutir o tema da tolerância em relação às crenças dos outros.

Também é interessante perguntar o que eles sabem sobre os mitos de origem (as explicações sobre como o mundo foi criado) de cada uma das religiões que conhecem. A partir daí, é possível ver as semelhanças e diferenças desses mitos nas diversas religiões, além de debater como a ciência explica ou tenta explicar essas questões.

Mais especificamente em relação à religião de origem iorubá, pode-se fazer um levantamento dos conhecimentos que os alunos possuem (nomes de orixás, características etc.) e das dúvidas que eles têm a esse respeito. Tais saberes e dúvidas podem ser sistematizados em uma lista, afixada em um quadro na sala de aula, e reaproveitados após a leitura.

DURANTE A LEITURA

Como as narrativas do livro vêm da tradição oral, sugere-se fazer a leitura com os alunos sentados em roda e o professor narrando. É importante que as histórias sejam lidas por trechos, com a apresentação e discussão das ilustrações correspondentes a cada um deles e sua relação com o que foi lido.

A forma poética das narrativas pode ser comparada com os tipos de texto que os alunos já conhecem – poemas, jornal, o do último livro lido etc. –, perguntando-lhes se o estilo do texto se parece com o de algum outro que eles já leram.

É interessante também destacar a personalidade dos orixás citados nas histórias. Pode-se, por exemplo, explicar que Oxum é orixá das águas doces, da riqueza, e pedir para os alunos procurarem e sublinharem no texto trechos que confirmem esse fato (o texto diz que em volta de seu palácio havia um rumor de água, que um peixe recebe Laroîê na entrada desse palácio e que ela mergulha para buscar os búzios que entregará a Exu).

Seguindo essa mesma linha, os alunos podem identificar os diversos nomes pelos quais Exu é conhecido. No caso de Akessan, que só é claramente identificado como o Exu do mercado de Oiô, no texto que sucede à história, um bom exercício seria pedir para os alunos apontarem nas ilustrações e ver se eles notam semelhanças com as ilustrações que retratam Laroîê.



DEPOIS DA LEITURA

Esse é o momento de retomar a lista dos conhecimentos e dúvidas dos alunos, preparada antes da leitura do livro. Pode-se comparar o que sabiam antes com o que sabem agora. Seria interessante cada aluno pesquisar determinada cultura ou religião e, mais tarde, compartilhar com toda a classe os resultados de sua pesquisa, procurando encontrar semelhanças e diferenças entre elas (por exemplo, se são milenares ou contemporâneas, se são politeístas ou monoteístas, se há rituais comuns ou parecidos etc.).

Também é possível aprofundar a discussão de outros assuntos presentes no livro, tais como a questão da escravidão no Brasil e as influências da cultura iorubá na nossa língua (através de palavras incorporadas, como *iaiá*, *bumbum*, *cadê* etc.), na nossa música (com a introdução de ritmos como o *ijexá*, que é tocado para Oxum; de instrumentos como os atabaques, o *agogô* etc.), na nossa gastronomia (as famosas comidas preparadas com azeite de dendê – produto típico encontrado nos mercados e apreciado por muitos orixás –, como o *caruru* e o *acarajé*, a *pimentada-costa* etc.) e na nossa personalidade (com traços de alegria, simpatia, criatividade, religiosidade, ginga etc.). Sugere-se ainda aproveitar a oportunidade para trabalhar com outras narrativas de origem mitológica, como as da mitologia indígena.

ELABORAÇÃO DO GUIA SONIA AIDAR FAVARETTO
(COORDENADORA PEDAGÓGICA DA ESCOLA CIDADE
SP) E CAROLINA CUNHA; PREPARAÇÃO MARCIA
MENIN; REVISÃO SHIRLEY GOMES

